

Apresentação

Por mais de dois séculos, a fotografia vem mobilizando e instigando pesquisadores em busca do seu entendimento e conceituação. Estudos epistemológicos vêm se debruçando sobre a questão do realismo e do valor documental da imagem fotográfica, enquanto outros se centram em concepções que consideram a fotografia um espelho do real, como codificadora das aparências, dotada de um valor singular ou mesmo particular, como um traço do real. Da foto como espelho do mundo à imagem fotográfica como codificadora das aparências, da verossimilhança ao índice, como repositório da memória, as reflexões que sobre ela vêm sendo construídas abrem a possibilidade de considerá-la uma construção arquitetada, arbitrária, cultural e ideologicamente codificada.

A busca pela captura e fixação da realidade tem sido uma obsessão desde os idos dos séculos XVIII e XIX, época em que as invenções inundaram o cenário com práticas que visavam à produção e retenção de imagens, uma luta insana do homem contra o tempo. A invenção da fotografia, considerada, por Santaella como um marco fundamental, verdadeiro giro copérnico nos destinos da imagem, constituiu-se em um acontecimento que desestabilizou os alicerces de uma sociedade que se industrializava e se transformava, impulsionada pela expansão da técnica e do capital.

Abordagens eminentemente técnicas ou mesmo estéticas sobre a imagem fotográfica, perduraram, por um longo período, atreladas a uma visão positivista que, desvinculada de reflexões sociais e culturais, relegavam a fotografia ao *status* de auxiliar da História, à condição de “ilustração,” a um registro objetivo da realidade. O que vem diferindo, com o tempo, é a forma como os vários campos do conhecimento e pensadores vêm se apercebendo da complexidade epistemológica da fotografia. Considerada como um documento e representação, fonte para as diferentes vertentes de investigação, na medida em que consideramos a interdisciplinaridade das abordagens, como podemos constatar nos artigos produzidos por pesquisadores brasileiros que se debruçam sobre o tema.

O artigo da autora Miriam Paula Manini “Acervos Imagéticos e Memória” propõe reflexões sobre imagens fixas – fotografias e similares – e imagens em movimento – filmes em geral – pertencentes a acervos institucionais, sejam arquivos, bibliotecas, centros de documentação, memória e informação. Aborda, pelo viés da memória, a importância das instituições custodiadoras e mantenedoras de acervos fotográficos e fílmicos, os aspectos comunicacionais da rememoração por imagem pelos indivíduos e os aspectos informacionais do tratamento da memória imagética nos acervos, destacando a relevância do tema patrimônio audiovisual.

No artigo a “A dialética do ‘negativo 25’: algumas notas e analogias da materialidade em narrativas fotográficas” os autores Amir Geiger e Leila Beatriz Ribeiro apresentam e debatem questões sobre a ideia de narrativas visuais e fotografia. Fazem uso de uma narrativa cinematográfica baseada em um conto do meado do século XX, inscrevendo-se, teoricamente, e com espírito interdisciplinar, no interesse contemporâneo pela “materialidade” da informação.

Capturar com um equipamento que eterniza, utilizando produtos químicos para fixar as imagens ou fotografar com equipamentos digitais, que são facilmente manejáveis e também deletados, mostra que a evolução tecnológica não destruiu o panorama teórico que se articula em três tempos segundo Dubois: “a fotografia como espelho do real, a fotografia como

transformação do real e a fotografia como traço de um real.” O artigo “A semiótica da imagem fotográfica digital em preto e branco”, dos autores Gilucci Augusto e Lúcia Brandão Toutain, analisa e discute esta forma de representação utilizando a semiótica de Peirce e suas categorias fenomenológicas, denominadas de: primeiridade, secundidade e terceiridade. Uma revisão teórica sobre a fotografia como documento permanente e de valor comprobatório, informativo e histórico, recolhida e acumulada em unidades de informação, nos arquivos, bibliotecas e museus é a proposta das autoras Sonia Maria Ferreira da Silva e Zeny Duarte, que se consuma no artigo “A Fotografia em Unidades de Informação: valor informativo e permanente” .

E, por fim, a descoberta do fotógrafo Carlos Saia Neto, sua forma de representar a natureza, a flora de uma região do nordeste brasileiro, em determinado momento, em determinada época da estação do ano, é-nos aqui apresentada através do ensaio a “Fotografia como forma de Expressão.” Nele, fica patente o registro fotográfico como documentação técnica, um recurso apropriado por diversas áreas de conhecimento, em estudos, pesquisas e inventários. A diversidade de olhares sobre o mesmo tema revela, na contemporaneidade, que a fotografia vem se constituindo em um amplo campo de pesquisas teóricas e de abrangência multidisciplinar.

Alzira Tude de Sá e Lúcia Brandão Toutain
Editoras Nacionais
Instituto de Ciência da Informação
Universidade Federal da Bahia